

Estou diante de três mundos distintos, talvez incompatíveis: a literatura, o jornalismo e o jogo de Go — a clássica disputa japonesa de tabuleiro em que dois adversários tentam encurralar o outro. Mundos, na aparência, inconciliáveis, mas que nas mãos do romancista japonês Yasunari Kawabata (1899, 1972) se unem em uma esplêndida jóia. Esta preciosidade se chama “O mestre de Go”, romance que Kawabata publicou em 1954, que leio na tradução de Meiko Shimon (Estação Liberdade).

Três mundos separados por abismos, eles se conectam através do mesmo gesto: a entrega absoluta. Como repórter do “Tokyo Shinbun”, um sisudo Kawabata acompanhou, no ano de 1938, a histórica partida de despedida do grande mestre Shusai, uma das lendas do Go. Seu trabalho resultou em uma série de reportagens publicadas pelo jornal japonês ao longo da competição, que durou seis meses. O jogo teve início em 26 de junho daquele ano, no restaurante Koyokan, em Tóquio, e terminou em 4 de dezembro, na hospedaria Dankoen, em Itô. Nesse tempo, os adversários se submetem à lei do confinamento — como se o Go lhes raptasse a alma.

O jogo sofreu uma interrupção inesperada de três meses por causa de uma doença cardíaca do mestre. Nas suas últimas três partidas, o mestre adoecera: apesar do virtuosismo, o Go já lhe parece pesado demais. Os amantes do jogo acompanharam com fervor essa aventura final. O desafiante do mestre, Otake, 35 anos mais jovem, era um jogador brilhante. Mestre Shusai perdeu o jogo — única derrota de sua longa carreira em uma competição pública.

Kawabata transformou a cobertura jornalística em um grande romance. Avanço na leitura e me pergunto: o que, de fato, está em jogo? O próprio Go, cujas regras mais elementares desconheço, o que não me impede de ler? O jornalismo, com seu apego quase fanático à objetividade e à clareza? Ou a literatura que, ao contrário, aprecia as máscaras e as sombras? Muitas páginas à frente, o próprio Yasunari Kawabata me dá uma resposta: o que se joga não é só o Go, mas a arte da entrega absoluta. Desde menino sei que a literatura só se faz, e só se lê, com paixão. Como jornalista, aprendi — na contramão da mitologia que liga a imprensa à objetividade pura — que a paixão é um elemento fundamental no trabalho do repórter. Mesmo que eu ignore as regras mais elementares do jogo, Kawabata me faz ver que o Go ou se joga em estado de absoluta entre-

## JOSÉ CASTELLO



Cruz



## A entrega absoluta

ga, como fazem o mestre Shusai e seu desafiante Otake, ou não se joga, apenas se simula. Ia escrevendo: “se dissimula” — talvez porque não exista nada mais antagônico à paixão que a dissimulação.

E, se há paixão, é porque a intimidade e o mundo interior entram em cena. O grande teatro do Go se arma sobre um palco em abismo, no qual a psicologia e a tradição servem de cortina. Derrotado, o “mestre invencível” Shusai não se tornou, nem assim, indigno de sua lenda. Foi um homem misterioso. Kawabata o descreve: “Ele se conservava alheio a tudo e não parecia observar a paisagem”. Apreciava os longos silêncios. Não gostava de passeios, ou de

longas conversas, preferia a imobilidade. Seu rosto inexpressivo e seu alheamento intimidavam os adversários. Otake não escapou disso. Shusai era pequeno, tinha o corpo de um menino mal desenvolvido. Mas “sentado diante do tabuleiro de Go, o mestre parecia um homem maior do que era na realidade”. O jogo o engrandecia. Era sua força. O jogo o ultrapassava e o escravizava.

Nascido em 1874, o mestre acaba de completar 65 anos. Para se distrair, seu jovem adversário, Otake, tem o hábito de fazer piadas ou trocadilhos durante o jogo, mas eles não despertam reação alguma em Shusai, que se comporta como um homem invisível. “Era como se

Kawabata transformou uma cobertura jornalística em um grande romance

Otake lutasse sozinho, o que o deixava em situação embaraçosa”. A luta psicológica dá as cartas. O mestre é calmo, é indiferente. Parece ser pura respiração, alheia a um corpo. Já Otake é agitado e nervoso. Ele se expressa mesmo quando Otake parece paralisado. Às vezes, não. No primeiro dia do reinício da partida em Itô, após a recuperação parcial de Shusai, o rapaz chega a levar 211 minutos — mais de três horas e meia — para escolher seu primeiro lance. O nervosismo também se esconde sob a placidez. Na complexa psicologia do Go, as coisas nunca estão onde pensamos que estão. Só um observador sutil como Kawabata é capaz de desvelá-las.

Quando a partida é interrompida por causa de sua doença, o mestre custa a cair em si. “Ainda não estava inteiramente desperto do estado de transe do mundo do Go”, narra Kawabata, e, apesar do abatimento, “seu corpo, da cintura para cima, mantinha uma postura de combate diante do tabuleiro”. Não jogava, na verdade, contra Otake, mas contra si mesmo. Talvez por isso a derrota final não lhe tirou a máscara de vencedor. A visão de um mestre que continua a jogar mesmo sem o jogo perturba Kawabata. “O mestre se tornou uma pessoa especialmente saudosa para mim, talvez porque sua imagem naquela ocasião tivesse se infiltrado em meu coração”. Eis onde jornalismo, Go e literatura podem se encontrar: no encontro súbito da entrega total, que anula a realidade e coloca o desejo como único senhor.

Morreu poucos dias após o fim da partida. Repórter aplicado, Kawabata — que no romance se transforma em seu próprio personagem — fotografou o cadáver. Ao revelar as fotos, assusta-se: morto, o mestre ainda parece vivo, ou até mais vivo! Seus sentimentos mais íntimos, como a melancolia, nas fotografias se acentuavam. A fotografia é o império dos detalhes: “Na face direita, havia duas grandes verrugas, e um fio longo da sobrancelha também ficou bastante visível”. A realidade, capturada pela máquina, mancha o mito. Desnuda-o. Perguntase Kawabata, duvidando das imagens que tem nas mãos: “Teria o mestre sobranceiras com fios tão longos? Até parecia que houvessem ficado exagerados nas fotos, mas eles devem ter retratado a realidade”. O que vacila, aqui, é a alma do repórter — e nessa vacilação ela, em vez de se enfraquecer, se engrandece. Da hesitação, escorre a literatura, que não deve nada a ninguém, nem a si mesma.

Email: joseg.castello@gmail.com. Leia mais textos do colunista em [www.oglobo.com.br/blogs/literatura](http://www.oglobo.com.br/blogs/literatura)

## LANÇAMENTOS



**Sobre a relação das artes plásticas com a natureza**, de F.W.J. Schelling. Introdução, tradução e notas de Fernando R. de Moraes Barros • Editora UFMG, 86 pgs • R\$ 23

• A obra traz o discurso homônimo proferido pelo filósofo alemão em 1807, em Munique, sobre a relação entre real e ideal, questão presente, já na época, tanto na filosofia da natureza quanto na filosofia da identidade.



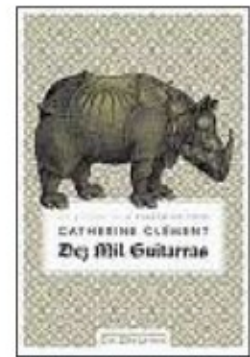
**O paraíso de Zahra**, de Amir & Khalil. Tradução de Cassius Medauar e Suria Scapin • Editora Leya, 272 pgs • R\$ 39,90

• Este romance gráfico narra a busca por um jovem desaparecido após os protestos contra as eleições de 2009 no Irã. A obra, que começou como série na internet, foi criada por um jornalista e um artista visual que, por razões políticas, usam os pseudônimos Amir e Khalil.



**A resposta**, de Kathryn Stockett. Tradução de Caroline Chang • Editora Bertrand Brasil, 574 páginas • R\$ 44

• O relacionamento entre empregadas negras e patroas brancas no conturbado Mississipi dos anos 1960 é o tema do best-seller de Kathryn Stockett, agora relançado. Sua adaptação cinematográfica, indicada ao Oscar, chega às telas brasileiras em fevereiro.



**Dez mil guitarras**, de Catherine Clément. Tradução de Eduardo Brandão • Editora Cia. das Letras, 352 pgs • R\$ 35,50

• A autora de “A viagem de Théo” conta a história de um brâmane que morre na Índia, renasce como rinoceronte na África e, capturado, é levado para a Europa. O problema é que sua consciência humana vai junto e, nesse corpanzil estranho, ele acompanha a História europeia do final do século XVI e meados do XVII.

[FICÇÃO] [FICÇÃO] [FICÇÃO]

# Reflexos de vidas fragmentadas

Claudia Nina estreia em romance expando a solidão de três mulheres sem perspectivas

**Esquecer-te de mim**, de Claudia Nina. Editora Babel, 112 páginas. R\$ 28

Ronize Aline

“Navegar é preciso, viver não é preciso”. A célebre frase de Fernando Pessoa ainda hoje gera confusão por dar margem à dupla interpretação. O estranhamento viria do fato de muitos entenderem que o poeta português estivesse sugerindo que viver não é necessário — “preciso” derivando do verbo “precisar”. Já o entendimento de “preciso” como adjetivo — no sentido de “exato” — traz luz ao pensamento de que viver é uma arte que se pratica de forma errante, sem tantas coordenadas a nos guiar.

Tanto uma quanto outra interpretação se encaixariam perfeitamente no desenho que Claudia Nina faz do universo feminino — ou pelo menos de parte dele — em sua estreia no romance. No recém-lançado “Esquecer-te de mim”, a escritora e jornalista traça, sem piedade mas com pitadas de humor cruel, um retrato do feminino em seu pior momento: a consciência da queda e o desconhecimento do que virá a seguir. São três personagens, três mulheres que vivem diferentes formas de solidão e uma mesma dor: uma viúva perdida entre caixas, uma gorda que de repente se assusta com o que vê no espelho e uma separada que olha para o



CLAUDIA NINA: primeiro romance tem personagens com voz própria

lado e, subitamente, não percebe mais a mão que saía do edredon.

A solidão da viúva se dá entre caixas repletas de memórias puídas e amassadas. Ali, digerindo a morte de um marido levado pela doença, não há fronteira entre o que é dito, pensado, imaginado ou desejado. “Escuto de volta o eco das coisas que não falei”, reconhece a personagem. Apenas as roupas são testemunhas da decomposição de uma vida, que não é outra coisa senão uma variação da morte. A loucura, naquele momento, parece ser a opção mais sensata para quem está tentando esquecer-se de si mesma: “Meu depois está tão longe de mim, que nem responde quando eu chamo”.

A solidão da gorda é a solidão (quase) acompanhada. Alguém que se descobriu gorda de repente e que arrumou um amante casado para fugir da falta de marido, dos filhos crescidos que já foram embora e de uma vida para viver. “Se ele não existisse, seria melhor. Mas aí existiria um outro, que igualmente me faria sentir um desajuste total e, da mesma forma, eu iria enxergar no espelho tudo de precário que há em mim (espelhos cruéis existem às centenas)”, filosofa. A personagem tenta caminhar a passos arrastados para fora de si mesma e do mundinho que criou ao seu redor. Mas a autossabotagem e um vislumbre ácido do que se tornou a fazem andar em círculos: “Insisti no erro, fazer o

quê, mereço punição, várias chibatadas morais”.

A solidão da separada é uma solidão barulhenta, povoada por crianças e empregadas falando e gritando, e deixando para a imensidão que a cama se tornou o sobressalto da queda. É, também, uma solidão mais amarga do que o outro, o que se foi. Diferente das outras, essa tem a quem dirigir seu rancor: “(...) viver sem ter de puxar para fora do tédio aquele que me azedou os sábados e foi capaz de me dar no copo vinagre em vez de água”. Livrar-se do que ficou (“O marido se foi; a cabeceira da cama de casal não pode ficar”) parece ser a saída para evitar que o mofo se instale no lugar onde antes havia uma vida em movimento: “Na minha casa, tudo mofa”.

**Desafio de pensar em quem realmente deixou de viver**

“Há quem diga que não existem espelhos inocentes: todos têm a sua medida de assombramento.” O espelho, ao longo da história, parece ser aquele convidado indesejado que não podemos mandar embora, no entanto insiste em ressaltar a existência atrofiada, o corpo disforme, o casamento fracassado. “Sentada à beira do espelho acho que morrer é uma questão de perspectiva. Do outro lado talvez alguém agora



me olhe com pena e veja o quanto é triste e abandonado não morrer”, remói a viúva. Assim como viver também é uma questão de perspectiva. E, olhando para essas três mulheres remoendo seu luto (do marido, do corpo, do casamento), Claudia Nina nos desafia o tempo inteiro a pensar em quem realmente deixou de viver, se os que se foram ou as que ficaram. Camada por camada, a autora vai revelando que vidas são essas que enfiaram em determinado ponto do caminho. E, ao desenhar-lhes as angústias, faz isso com uma escrita precisa — necessária e exata —, impingindo a cada uma delas voz própria e distinta.

“Pedaço de tempo congelado que vou espremer até sangrar”. Ecoa na voz da viúva aquilo que Claudia Nina fez ao longo de todo o livro: espreme esse pedaço de tempo da vida das três mulheres (ou seriam todas a mesma mulher?), esfolou-lhes a alma e fez sangrar-lhes até não restar sentimento que não estivesse exposto. Sentimentos que se esbarram e se embaralham, correndo o risco de o que deveria ser um abraço se transformar em um enforcamento. Viver não é preciso... ■

RONIZE ALINE é jornalista e escritora, autora de “O dono da lua” (Escrita Fina Edições)